



CARLA CAMURATI

SÓCIA-FUNDADORA DA COPACABANA Filmes e Produções, dirigiu quatro longas-metragens, dentre eles *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*, marco da retomada do cinema brasileiro. Em 2001, começa a dirigir óperas e, em 2007, recebe o convite para assumir a presidência do *Theatro Municipal do Rio de Janeiro*. Durante esse período, coordena o restauro do *Theatro* para seu centenário. Em 2014, é convidada para desenhar a programação *Cultura dos Jogos Olímpicos* e, em 2015, deixa o *Theatro* para assumir a diretoria cultural dos *Jogos Olímpicos Rio 2016*.

Carla Camurati viveu uma premiada carreira como atriz de cinema e televisão nos anos 1980, seguindo sua carreira no audiovisual como diretora, produtora, roteirista e distribuidora. Destaca-se na área de política cultural e organização de eventos, tendo sido uma das fundadoras da Academia Brasileira de Cinema.

Com 14 edições realizadas, o FICI já exibiu mais de 900 filmes, alcançando a marca de mais de 1,5 milhão de espectadores e apresentando curtas, médias e longas-metragens brasileiros e internacionais, além de mostras especiais, oficinas e debates. A 15ª edição está prevista para acontecer em 7 cidades, entre 1º de setembro e 22 de outubro de 2017.

INFÂNCIA COM CINEMA

FIQUEI MUITO FELIZ ao escrever um texto sobre o cinema e a infância para esta edição da Filme Cultural! Primeiro, a minha alegria era saber que ela estava sendo reeditada; segundo, que esse número 62 seria dedicado à relação – mais mágica do que lógica – entre cinema e infância.

A escala das imagens na sala de cinema dá a sensação de que tudo é verdade. Naquele escurinho, ainda pequeno na cadeira, imerso num mundo de sons e imagens tão reais que, sem sentir, você vira parte dele. Com o cinema, você se alegra, se comove e chora por histórias que nunca viveu! Desde cedo me apaixonei por ele. Meu primeiro filme na sala de cinema foi *O mágico de Oz*. Eu tinha seis anos e a mãe da minha melhor amiga nos levou para conhecer os encantos da sétima arte. No fundo, ela também estava excitadíssima para ver a reprise do filme, que havia adorado quando era menina.

Infelizmente, guardo, desse dia, apenas dois momentos, intercalados por uma elipse de tempo da qual não me lembro de nada. Vejo claramente a cena na qual Dorothy cai adormecida num tapete de flores, a Bruxa do Leste se prepara para pegar a pobrezinha... e eu, nesse instante, num pulo, saio da minha cadeira e corro, gritando, em direção à tela: “Acorda Dorothy!!! Acorda!!! Cuidaaaaado!”

E aí, num corte seco, sem me lembrar de quem me tirou da sala de projeção, me vejo sentada no saguão do cinema, soluçando, bebendo um copo de água com açúcar para acalmar meu coração agitado. Me recordo também do gosto salgado das lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

“Eu só queria saber se ela tinha acordado.” Dona Dayse, mãe da minha amiga, que a essa altura já devia estar bem arrependida de ter me levado ao cinema, dizia: “Calma, Carla, calma, é tudo mentira, não existe essa

Bruxa do Leste, eu juro.” Como as palavras pareciam não fazer efeito naquele momento, acabamos por deixar o cinema sem ver o fim do filme.

Na minha família, ficaram todos convencidos de que eu ainda não tinha maturidade para ir ao cinema, pois não conseguia entender que um filme era apenas um filme e não uma realidade paralela, na qual era só entrar tela adentro! Eu fui saber o final da história com quase oito anos, quando, enfim, pude saborear o filme. Aos oito, eu já havia entendido que, infelizmente, não adiantava correr para a tela...

Como minha paixão por cinema não parava de crescer, ganhei de presente, num Natal, um projetor de galalite que vinha com três filmes desenhados e alguns rolos de papel bem fininho, branco, para fazer meu próprio filme! Minha vida era uma festa só! Passava horas a desenhar cuidadosamente naqueles rolinhos. Depois, o melhor da brincadeira era apagar a luz do quarto e ficar escolhendo o tamanho da tela, aproximando e afastando o projetor da parede e, então, começar minha sessão de exibição.

Um caso de amor sério que tive foi com o filme *Meu pé de laranja lima*, adaptação do romance de José Mauro de Vasconcelos, que contava a história da amizade entre o menino Zezé e um pé de laranja lima. Acho que assisti ao filme umas cinco vezes! Já não havia na família ninguém disposto a ir comigo ao cinema mais uma vez, e o pior é que eu chorava muito vendo o filme. Eu já sabia o que ia acontecer, mas continuava me emocionando. Primeiro, com a morte do Portuga, um personagem idoso, grande amigo de Zezé, o protagonista. Depois, com o próprio Zezé, de cama, doente porque o pé de laranja lima havia sido cortado. Tive uma identificação imediata com o personagem de Zezé, e pude sentir no fundo do coração todas as dores que ele sentia. Essa história me fez conhecer, talvez, o mais difícil dos sentimentos, que é o de perder as coisas e as pessoas que amamos.



FICI em Natal

O cinema é uma ferramenta singular para a educação: a cada dia, mais e mais, a comunicação é feita através de imagens. São muitas as telas, por toda a parte e de todos os tamanhos, exercendo diversas funções. E, nesse momento, surge sempre aquele medo de que o cinema vai acabar. Esse medo aconteceu primeiro quando surgiu a TV, depois com o VHS, DVD e, agora, com a internet. Só que a mãe de todas as telas sobreviveu, resistiu e venceu: muitos dos novos formatos, na verdade, fortalecem o cinema! O melhor é que junto com as novas telas veio a possibilidade de novas e pequenas câmeras, com um mundo de jovens cineastas cheios de ideias na cabeça para esses novos modelos de produção.

Ao realizar o FICI - Festival Internacional de Cinema Infantil, eu tinha certeza de que iria ser muito saboroso esse encontro anual do cinema com o público infantil, principalmente para essa geração que já nasceu assistindo a vídeos e filmes nos celulares e na internet.

Mas, com tantas telas disponíveis, por que um festival de cinema para crianças é, ainda, tão importante? Porque filmes podem influenciar quando somos impactados e nos fazem refletir; e é isso que queremos fazer com as nossas crianças: convidá-las à diversão e à reflexão.

Mas há alguns “porquês” a mais:

PORQUE HÁ, no cinema, o poder de comunicação universal através da dramaticidade das imagens;

PORQUE ESTA é uma fonte de entretenimento popular inesgotável e inigualável;

PORQUE HÁ nele um elemento educativo que pode ser mais poderoso do que os meios pedagógicos tradicionais;

PORQUE A IMAGEM animada une o real e o imaginário; e

PORQUE É fascinante entrelaçar culturas e descobrir situações inéditas e pontos em comum.

No Brasil, segundo o IBGE, temos 29 milhões de crianças com idades de 0 a 9 anos, e 45 milhões entre 10 e 19 anos. Um estudo da Associação Abrinq complementa esses dados com a informação de que 26 milhões de crianças no Brasil vivem na pobreza, sendo que 3,9 milhões vivem em favelas. Hoje, a emissora de TV mais importante do país não tem nenhuma programação dedicada à infância em sua grade, e existem poucas salas de cinema em nosso território, o que quer dizer que um número enorme das nossas crianças não tem acesso à sétima arte.

Neste ano estamos comemorando 15 anos do FICI, uma parceria nossa com a rede Cinemark que, por sua vez, comemora 20 anos de presença no Brasil. Já tivemos, no nosso festival, mais de 1,6 milhão de ingressos vendidos, com mais de 950 filmes exibidos. Nossa programação quer apresentar a maior diversidade de linguagens e gêneros, estimulando a imaginação das crianças.

O festival acontece durante 10 dias em cada cidade e, nos finais de semana, a programação é pensada para ser saboreada como um programa familiar: no saguão, brincadeiras com bolas gigantes e oficinas de animação convidam os pais a se divertir com suas crianças enquanto esperam as sessões. Na programação, temos filmes de mais de 20 nacionalidades, com faixas etárias sugeridas de acordo com o conteúdo e sessões especiais, como a de dublagem ao vivo, ou pré-estreias nacionais e internacionais.

Durante a semana, o nosso projeto social A Tela na Sala de Aula realiza sessões para crianças e jovens de 6 a 17 anos das escolas da rede pública de ensino. Utilizamos o conteúdo dos filmes para atender aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ministério da



FOTO: TIAS O LIMA

FICI em Natal

Educação, desenvolvendo atividades orais e escritas. Às sextas-feiras, temos três sessões especiais interativas para as escolas e para o público em geral:

O PEQUENO CIENTISTA, na qual um cientista convidado assiste ao filme com as crianças e, de posse de um microfone, vai fazendo comentários durante a sessão, explicando pequenos fatos, sublinhando algum acontecimento, criando uma sessão eletrizante e divertida;

O PEQUENO JORNALISTA, em que um jornalista convidado explica, após a sessão, como é o seu trabalho e que conteúdo ele gera a partir de um filme – uma entrevista, uma matéria ou uma crítica, analisando o trabalho dos profissionais envolvidos; e

NOVOS JOVENS, na qual escolhemos filmes de outros países, que abordam sentimentos e histórias da adolescência que tenham paralelo com a nossa realidade. Encerrado o filme, há debates conduzidos pela nossa coordenadora pedagógica, Lília Levy, e um convidado. Já tivemos a participação de autores como Guti Fraga e Thalita Rebouças, entre outros. É fascinante entrelaçar culturas na companhia de adolescentes; os debates são, muitas vezes, bastante contundentes!

Durante o FICI temos também o Fórum Pensar a Infância, para o qual convidamos cineastas, educadores e gestores públicos para refletir e ajudar a construir um audiovisual sólido para a infância brasileira.

No Brasil, nos preocupamos pouco com a infância, se comparamos a outros países como a Dinamarca e a Finlândia, que investem um quarto do montante dedicado ao audiovisual para aquele voltado para crianças e jovens. França e Argentina já investem em introduzir o cinema no currículo escolar. Essas e muitas outras experiências nascem no mundo e podem ser plantadas aqui! E é por isso que estamos há 15 anos renovando o nosso prazer de cada vez exibir filmes melhores.

E, assim, eu e a minha parceira, Carla Esmeralda, seguimos, felizes, nos dedicando a olhar, iluminar e pensar o audiovisual infantil, construindo sessões especiais para fruir o cinema aliado à educação. Com a certeza de que esse é um belo caminho, porque cinema é a maior diversão!

CARLA CAMURATI é diretora do Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI).